

# BOLETIM DO GEPELE

(Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguística Ecológica)



---

Número 9, 2021

ISSN 2763-7255

---



**UnB**

**Programa de Pós-Graduação em Linguística**

**Departamento de Linguística**

Instituto de Letras

**Universidade de Brasília**

Câmpus Universitário Darcy Ribeiro

CEP 70910-900 Brasília, DF

**Organizadores:**

Hildo Honório do Couto  
Anderson Nowogrodzki da Silva

1. Introdução
2. Artigos
3. Dissertações de Mestrado
4. Publicações
5. Palestras
6. Eventos

## 1. INTRODUÇÃO

Aqui está o nono número de nosso boletim, fechando o ano de 2021. Juntamente com o ano de 2020, este foi um dos mais difíceis não só para nós no Brasil, mas para o mundo inteiro. Foram dois anos em que tivemos que nos recolher em casa na medida do possível, evitar contatos, aglomerações, usar máscara, passar álcool em gel nas mãos bem como lavá-las sempre. Tudo isso devido à presença do SARS-CoV-2 (*Severe acute respiratory syndrome coronavirus 2*), que causou a doença da COVID-19, pandemia que está redirecionando a história do mundo. Por isso, os únicos dois encontros que tivemos nesse período, ou seja, o terceiro em 17/06/2021 e o quarto em 11/12/2021, foram realizados remotamente. O resultado do primeiro deles está no *Boletim do GEPLÉ* n. 7, 2021; o do segundo aparecerá no número 10, em 2022. Será um número monográfico sobre ADE. A propósito, *ECO-REBEL* v. 7, n. 1, 2021 é também inteiramente dedicada ela.

O presente número do *Boletim do GEPLÉ* contém o artigo “Alguns precursores das bases naturais da linguística ecossistêmica”, de Hildo Honório do Couto. A seguir vem uma informação sobre a dissertação de mestrado de Eduwesley Pereira da Silva, intitulada Silva *O corpo no léxico da língua portuguesa: uma análise pelo viés da Ecolinguística e do Imaginário*, defendida na UFG sob a orientação de Elza Kioko N. N. do Couto. Trata-se de uma discussão sobre como o corpo pode ser fonte de metáforas para enriquecimento do vocabulário, tema rico de possibilidades de interpretação, mas, infelizmente, o trabalho ficou muito aquém do desejável. De qualquer forma, ele tem o mérito de ter sido o primeiro a tratar desse tema pela ecolinguística.

A seguir vêm informações sobre dois artigos ecolinguísticos publicados, uma palestra sobre multidisciplinaridade na ecolinguística e informação sobre o IV Encontro do GEPLÉ.

## 2. ARTIGOS

### ALGUNS PRECURSORES DAS BASES NATURAIS DA LINGUÍSTICA ECOSISTÊMICA

Hildo Honório do Couto (*Universidade de Brasília*)

Um dos mais conhecidos praticantes do construtivismo radical é Ernst von Glasersfeld, construtivismo que começa pelo menos na visão do *Gênesis* bíblico, em que o mundo é criado por *fiat*. Logo no início do *Evangelho de São João*, se vê que “No princípio existia o verbo”, ou seja, a palavra, a linguagem. Logo em seguida, se acrescenta “E o verbo se fez carne”. É “O poder das palavras” ou magia das palavras, como dizem Ogden & Richards em seu conhecido livro *O significado de significado*. Para essa cosmovisão, a linguagem cria o mundo. Na verdade, porém, o que acontece é que pelo menos originariamente a linguagem representa o que conseguimos ver no mundo. Somos incapazes de pôr seres inteiramente novos no mundo por *fiat* ou abracadabra (“eu crio enquanto falo” em aramaico e hebreu). Até artefatos e programas de computador, por mais sofisticados que sejam, sempre se baseiam em algo já existente, mediata ou imediatamente. A ciência evolui por acumulação de conhecimento.

A maioria das teorias nas ciências sociais tem horror ao fato de sermos de carne e osso, termos que respirar, nos alimentar, ingerir líquidos, defecar, urinar e viver em algum lugar da face da terra. Enfim, esquecemos até o dito bíblico “tu és pó, e em pó te hás de tornar” (*Gênesis* 3,19). Pois bem, meu objetivo neste pequeno ensaio é mostrar que, a despeito dessas posturas, a consciência sobre nossa base material vem de longa data. A filosofia taoísta, que recua a cerca de 4 mil anos atrás, é toda baseada na observação do mundo físico de que fazemos parte. No que tange à linguagem como produto do contato das pessoas com o mundo, poderíamos recuar a Heráclito (ca. 500 a.C) e a Crátilo, entre outros, em sua discussão com Hermógenes no livro *Crátilo* de Platão.

Pulando alguns séculos vemos que as bases naturais da sociedade frequentemente têm levado a ideologias racistas como as de Gobineau e de Montesquieu e, sobretudo, Hitler e assessores. Montesquieu (1689-1755), por exemplo, defendeu a teoria segundo a qual o clima afeta a psique e a cultura de um povo: clima quente torna as pessoas indolentes, preguiçosas; clima temperado e frio faz com que as pessoas sejam mais fortes e mais diligentes, mais adeptas para a reflexão filosófica e científica. Tudo isso teria reflexos nas formas de organização social, como o estado e a linguagem. Gobineau (1816-1882) retomou parte das ideias de Montesquieu, vendo apenas o aspecto biológico, o lado população. Considerava superior o que chamava de raça ariana; sua mistura com raças inferiores levaria à degenerescência. Foi uma das principais inspirações para Hitler e outros racismos. Porém, isso não significa que devemos ignorar as bases materiais da cultura. Afinal, “entre o idealismo de Hume que não admitia que a liberdade humana possa ser condicionada por fatos de ordem física e o determinismo natural de Montesquieu, de Condorcet e Comte, que faz do homem um joguete das forças naturais, devemos constatar que a vida humana, sobretudo a econômica, depende em larga medida das condições climáticas, geográficas, geológicas e biológicas em que se encontra” (TONNEAU, 1934: 116).

Diferentemente das teorias racistas de Montesquieu e, sobretudo, de Gobineau, o economista francês François Quesnay (1694-1774) defendeu uma origem natural de fatos sociais independente de preconceito racial. Ele achava que a base da economia estava na agricultura. Sua teoria econômica era a fisiocracia, que comparava o fluxo produção-distribuição-consumo com a circulação do sangue no organismo animal. Introduziu várias inovações, como o *laissez faire* (*laissez-faire, laissez-passer, le monde*

*va de lui-même* = ‘deixe fazer, deixe passar, o mundo caminha por si mesmo’), ou seja, defendia o liberalismo econômico e era contra o mercantilismo praticado na Inglaterra. A economia seria uma biologia ou fisiologia da sociedade. Alguns consideram essa proposta como a primeira visão ecológica nas ciências sociais. Talvez fosse melhor chamá-la de visão biológica. Mas, biologia vista como ciência da vida, muito diferente do biologismo tendencioso de Hitler e sequazes.

Na zoossemiótica e na etologia fala-se em territorialidade, que se refere a uma variedade de padrões de comportamento associados a uma defesa ativa de determinado espaço pelo animal. Tem se estudado também a proxêmica, que se dedica à distribuição espacial das pessoas e de outros seres no espaço e a importância disso na comunicação.

Na Introdução de um de seus livros, Ratzel (1923) diz que “a geografia política pode erguer sua teoria do estado somente sobre a base física da terra” (p. III). Mais adiante ele acrescenta que “todo o complexo das ciências sociológicas só pode florescer sobre a base geográfica” (IV). Sua discípula americana Ellen Semple avançou um pouco mais essas ideias. Já no prefácio de seu livro ela diz que ele “adotou uma visão de topo de montanha das coisas, manteve seus olhos sempre direcionados para o horizonte distante e, no âmbito da abrangente visão de suas concepções científicas, às vezes não viu os detalhes mais próximos”. Isso é uma antevisão da proposta da visão do topo da montanha da ecometodologia, que falhou um pouco porque naquela época ainda não se dispunha da complementação do método da focalização (GARNER, 2004; COUTO, 2018).

Semple vai mais longe. De acordo com ela, “o homem é produto da superfície da terra. Isso significa não somente que ele é um rebento dela, pó de seu pó, mas que ela o tratou como mãe, alimentou-o, estabeleceu tarefas para ele, direcionou seus pensamentos, apresentou-lhe dificuldades que fortaleceram seu corpo e aguçou seu espírito, deu-lhe seus problemas de navegação e irrigação e, ao mesmo tempo, sussurrou dicas em seu ouvido para a solução deles” (p. 1). Por isso, “o homem não pode mais ser estudado cientificamente separado da terra que ele ara, ou sobre as terras pelas quais viaja ou os mares sobre os quais comercia, como o urso polar ou o *cactus* do deserto não podem ser entendidos separados de seu *habitat*” (p. 2).

Semple está convicta de que “as condições naturais estabelecem os canais pelos quais o fluxo da humanidade se move mais facilmente, determina a direção de seu fluxo dentro de certos limites” (p. 6), citando Kant, que dissera que “a geografia está na base da história”. Afinal, “todo desenvolvimento histórico acontece na superfície da terra e, portanto, é de alguma forma moldado por seu contexto geográfico” (p. 10). Essa concepção pode até levar a rechaçar o etnocentrismo e o antropocentrismo, pois “a terra é um todo inseparável” e “como a terra a humanidade também é uma só”.

A visão terrocêntrica de Ellen Semple já sugeria até o tripé da linguística ecossistêmica. Para ela, “cada clã, estado ou nação (L) inclui duas ideias: a de povo (P) e sua terra (T), sendo a primeira impensável sem a outra”. Todas as “atividades humanas são plenamente inteligíveis apenas em relação às diversas condições geográficas que as estimulou”. O fato é que “antropologia, sociologia e história deveriam ser permeadas pela geografia” (51). Porém, “a maioria dos sistemas de sociologia trataram o homem como se ele fosse de alguma forma desligado da superfície da terra; ignoram as bases terrenas da sociedade”. O antropogeógrafo “vê na terra ocupada por uma tribo primitiva ou um estado altamente organizado o cimento material que mantém a sociedade unida” (53). Afinal, sem território (T) não há povo (P) e sem povo não há cultura nem língua (L).

Para Semple, “quando o relevo inclui montanhas, o caráter não apenas da terra e do clima se altera, mas também a própria sociedade” (112-113). Ela diz que “na vasta área

que Darwin considerou mais favorável muita variação e rápida evolução nos animais operam do mesmo modo no desenvolvimento humano e sua influência se torna uma lei para a antropogeografia” (174). Tanto que “o inglês foi ampliando seu vocabulário e expressões idiomáticas à medida que ia expandindo seu domínio”. Com efeito, “a língua não pode viver apenas de dicionário. Ela tende a assumir novas variantes a cada mudança de *habitar*”. Assim, “um povo que renuncia voluntariamente ou não sobre sua conexão com a própria terra tende a entrar em obsolescência” (175).

Semple associa diversidade cultural a biodiversidade, ao afirmar que “a flora e fauna nativas da Nova Zelândia parecem involtas no mesmo processo de extinção que o povo nativo [maori]” (178). Por isso, “a sobrevivência de uma língua e respectiva literatura está intimamente dependente da área e da população [de todas as espécies] que a área pode suportar” (181). O que é mais, “a natureza detesta linhas divisórias fixas e transições abruptas”. Por isso, “de todos os limites geográficos o mais importante é o que existe entre terra e mar” (204). Por fim, como boa seguidora das ideias de Darwin, ela diz que “o isolamento que reduz ou prejudica as interconexões que mantêm o indivíduo ligado ao tipo normal de espécie tende a produzir divergências” (411).

Como se vê, as bases materiais da cultura e da língua podem ser explicadas independentemente das ideologias racistas de Montesquieu, Gobineau e Hitler *et cetera*.

O ecologista social Murray Bookchin disse que “os seres humanos não apenas pertencem à natureza; eles são produtos de um longo e evolucionário processo natural”. Por isso, “estão sempre umbilicalmente enraizados em sua história biológica evolucionária, que podemos chamar ‘primeira natureza’; mas, eles produzem uma natureza caracteristicamente social própria, que podemos chamar ‘segunda natureza’”. O “humano e o não humano podem ser vistos como aspectos de um *continuum* e a emergência do humano pode ser localizada na evolução do não humano”. Bookchin afirma que “para o modo de pensar processual, orgânico e dialético, não haveria nenhuma dificuldade para localizar e explicar a emergência do social no biológico, da segunda natureza na primeira”. Vejamos uns poucos exemplos. Para ele, “a moralidade começou como ordens de uma deidade”, e esta deve se originar na gerontocracia, “uma das primeiras formas de hierarquia”, seguida da “patricentricidade” (patriarcalismo). Enfim, “a mudança de costumes cegos a uma moralidade compulsória e, finalmente, a uma ética se deu com a emergência das cidades e do cosmopolitismo urbano” (BOOKCHIN, 1993).

Para terminar, e já no contexto da linguística ecossistêmica, temos as ideias do filósofo da linguagem alemão Peter Finke. De acordo com ele, “não é certo tratar natureza e cultura como opostas uma à outra” porque “o que chamamos cultura nesse processo nasce paulatinamente da natureza” (FINKE, 1996, p. 36). Na nossa antologia ecolinguística *O paradigma ecológico para as ciências da linguagem* (Goiânia: EDUEFG, 2016) temos o ensaio “A ecologia da ciência e suas consequências para a ecologia da linguagem” desse autor. Em *ECO-REBEL* v. 5, n. 2, 2019 há um artigo em inglês e em *ECO-REBEL* v. 6, n. 3, 2020, encontra-se uma esclarecedora entrevista com ele, que é o mais importante iniciador da linguística ecossistêmica. Para completar, estão disponíveis em português mais dois autores do grupo de Finke. O primeiro é Wilhelm Trampe, com o artigo “Sobre o papel da linguagem nos sistemas ecológicos antropogênicos” (*ECO-REBEL* v. 2, n. 1, 2016); o segundo é Hans Strohner, com “A nova linguística do sistema: por uma linguística ecossistêmica”. Por sinal, Strohner foi o primeiro a usar a expressão “linguística ecossistêmica” e a falar em metodologia em ecolinguística (*ECO-REBEL* v. 5, n. 1, 2019).

## Referências

- BOOKCHIN, Murray. What is social ecology? In: ZIMMERMANN, M. E. (org.). *Environmental Philosophy: From Animal Rights to Radical Ecology*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1993
- COUTO, Hildo Honório do. A metodologia na linguística ecossistêmica. *ECO-REBEL* v. 4, n. 2, p. 18-33, 2018.  
<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/12355/10835>
- GARNER, MARK. *Language: An ecological view*. Berna: Peter Land, 2004.
- FINKE, Peter. 1996. Sprache als missing link zwischen natürlichen und kulturellen Ökosystemen. In: FILL, Alwin (org.). *Sprachökologie und Ökoinguistik*. Tübingen: Stauffenburg Verlag, p. 27-48, 1996.
- RATZEL, Friedrich. 1923 (1897). *Politische Geographie*. Munique/Berlim: Druck und Verlag von R. Oldenburg, 3ed., 1923 (1897).
- SEMPLE, Ellen Churchill. *Influences of geographic environment on the basis of Ratzel's system of anthropogeography*. New York: Henry Holt & Company, 1941 (1911).
- TONNEAU, J. Sociologie économique. In: LEMONNYER, A. et al. *Précis de sociologie*. Marselha: Éditions Publiroc, p. 93-147, 1934.

\* \* \* \* \*

## 3. DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**-Eduwesley Pereira da Silva.** *O corpo no léxico da língua portuguesa: uma análise pelo viés da Ecolinguística e do Imaginário*. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, Dissertação de Mestrado, 2021.

**Resumo:** O corpo representa um elo, e também o primeiro contato com o meio ambiente, com o mundo. O estudo ora proposto tem como objetivo principal demonstrar como a relação entre o corpo e o mundo é capaz de produzir, nas interações comunicativas, novas palavras e expressões metafóricas e metonímicas relativas às partes do corpo humano. Dessa forma, observa-se a interação simbiótica capaz de gerar produção linguística. Para desenvolver a pesquisa foram coletadas listas de palavras e expressões metafóricas e metonímicas em dois dicionários de língua portuguesa, Aurélio e Houaiss ambos em mídia digital. Assim, os itens lexicais ocupam uma posição de significar não mais as partes do corpo, mas sim, uma similaridade ou condensação semântica com outros elementos do meio ambiente. É o caso, por exemplo de: mão-de-vaca; pé de toddy, cabeça-de-vento etc. O estudo da interação entre corpo e mundo não é novo, sobretudo no âmbito das metáforas e das metonímias. No entanto, o fenômeno ora proposto para discussão o é, pois se orienta pela perspectiva da Ecolinguística com a Teoria da antropologia do imaginário. A primeira estabelece a relação entre língua e meio ambiente/mundo, Relação essa que vem ocupando espaço em estudos desde 1990, no Brasil. Nomes como o de Edward Sapir e Einar Haugen, serviram para potencializar a ciência da Ecolinguística, que por si se configura sincrética, visto que incorporou conceitos de outras teorias. A segunda oferece um olhar para o capital imagético e simbólico do ser humano. Ambos os campos de saber entendem que o corpo ocupa posição natural, inevitavelmente ligado ao meio ambiente natural em interação com o meio ambiente social. O objeto da nossa análise, partes do corpo em expressões linguísticas metafóricas e metonímicas, nos conduziu a algumas

inquietações que nos permitiu este estudo, embasados na seguinte pergunta: de que maneira as partes do corpo humano ajudam a produzir palavras e expressões metafóricas/metonímicas no Português brasileiro? Como resultado é possível afirmar que as expressões metafóricas e metonímicas se reciclam e se adaptam a partir das partes do corpo humano, as partes do corpo fornecem palavras para criar outras expressões metafóricas/metonímicas; também que há uma relação ecossistêmica entre ecossistema mental, ecossistema social e ecossistema natural na produção dessas mesmas expressões; chegamos à conclusão também que as partes do corpo humano carregam simbolismo, o que ajuda a expandir as expressões metafóricas e metonímicas. Este estudo se fundamentou na perspectiva da Linguística Ecológica e a Antropologia do Imaginário. Para desenvolver a pesquisa recorremos a alguns autores que foram basilares: Couto (2007 e 2016) e Durand (2012). O primeiro é considerado um dos grandes representantes da Linguística Ecológica no Brasil, seus estudos têm colaborado enormemente com refinamentos teóricos para a área. O segundo foi importante para tecer reflexões sobre a Antropologia do Imaginário. O trabalho se sustentou em uma abordagem metodológica qualitativa e de cunho ecocriativo (visão multilateral indutiva e dedutiva), por se afastar de visões polarizadas/radicalizadas. Disponível em:

<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/11460/3/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Eduwesley%20Pereira%20da%20Silva%20-%202021.pdf>

\* \* \* \* \*

## 4. PUBLICAÇÕES

### 1. Revistas

Acaba de sair *The trumpeter: journal of ecosophy* v. 36, n. 1, 2021. Ele é o órgão da ecologia profunda (criada por Arne Naess), uma das principais inspirações para a ADE. O primeiro artigo, “Deep Social Ecology”, de Jason Wirth, vale a pena ser lido. Ele compara ecologia profunda com ecologia social, cujo mentor (Murray Bookchin) está mencionado no artigo da seção 2 acima. A revista está acessível em:

<http://trumpeter.athabasca.ca/index.php/trumpet/issue/current>

### 2. Artigos

-**Viviane Lourenço Teixeira**. Carta de Caminha: contato linguístico e a chegada do latim no Brasil. Anais do IX Seminário dos Alunos dos Programas de Pós-Graduação do Instituto de Letras da UFF – *Estudos de Linguagem* n. 1, p. 2019. Disponível em: <http://www.anaisdosappil.uff.br>

-**Tadeu Luciano Siqueira Andrade**. A interação comunicativa em audiências no Juizado Especial Cível: Uma análise à luz da Ecolinguística e dos Direitos Linguísticos. In: SANTORO, Antônio E. R.; SILVEIRA, Carlos F. G. C.; SALLES, Denise M. N. N. L.; SALLES, Sergio S. (orgs.). *Direitos humanos e multidisciplinaridade*. Rio de Janeiro: Pembroke Collins, p. 137-154, 2021.



### 3. Boletim (Newsletter)

“Um de nossos membros, Gavin Lamb, tem divulgado um excelente boletim, *Wild ones*, sobre pesquisas em ecolinguística e comunicação ambiental que eu gostei muito de ler. Você pode assiná-lo de graça aqui (<https://wildones.substack.com/>) e ver números anteriores. Membros da International Ecolinguistics Association (IEA) contribuíram para dois projetos úteis, <https://www.britishcouncil.org/climate-connection> e <https://living-language-land.org> (este segundo é uma das melhores coisas que surgiram da COP26!)” (Arran Stibbe, por email).

\* \* \* \* \*

### 5. PALESTRAS

**-Hildo Honório do Couto.** “Ecolinguística: linguística ecossistêmica, multidisciplinaridade e multimetodologia”, palestra proferida nos Seminários Linguísticos (SeLin), com o tema “A Linguística e suas Interfaces”, da Universidade Federal do Ceará, em 22/11/2021. Eis o link para o vídeo da palestra no YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=svK904m6nqw>

### 6. EVENTOS

-No dia 11 de dezembro de 2021, das 8h às 12h e das 14h às 18, realizou-se remotamente **IV Reunião do GEPLE**. Foram apresentadas 5 palestras sobre a Análise do Discurso Ecolinguística, precedidas de uma exposição sobre algumas novidades na teoria e de outra sobre o conceito de discurso na ADE. Houve acaloradas discussões após cada apresentação. As apresentações foram as seguintes:

- 1.Hildo Honório do Couto: Novas reflexões sobre a Análise do Discurso Ecolinguística
- 2.Anderson Nowogrodzki da Silva: O conceito de discurso sob a perspectiva da Análise do Discurso Ecolinguística
3. Rui Ramos: [Contributos para a discussão em torno da Análise do Discurso Ecolinguística.](#)
- 4.Gilberto Paulino de Araújo: Florestas ‘(im)plantadas’ e o discurso ‘verde’ do agronegócio: um olhar sob a perspectiva da Análise do Discurso Ecolinguística.
5. Davi Borges de Albuquerque: A presença da Linguística em livros didáticos de Ensino Médio: uma proposta de Análise do Discurso Ecolinguística.
6. Samuel de Sousa Silva: “A César o que é de Deus: Análise Discursiva Ecolinguística do slogan publicitário-político: ‘Brasil acima de Tudo, Deus acima de Todos’”

O Samuel não pôde participara das discussões, mas apresentou seu texto para ser publicado.

O encontro remoto se deu no <https://meet.google.com/pyw-wjiy-xvm> O conteúdo das apresentações será publicado no *Boletim do GEPLE* n. 10, 2022, que será um número monográfico, dedicado exclusivamente à ADE. O vídeo com as discussões está disponível no canal do GEPLE no YouTube em:

<https://youtube.com/playlist?list=PL2ePwxKcXP-0xmmK4ktFzsZFeumVXqAok>